Alfabeto das Confissões

Elri Bandeira de Sousa

Pedro & João editores

ALFABETO DAS CONFISSÕES

Pedro & João
editores

ELRI BANDEIRA DE SOUSA

ALFABETO DAS CONFISSÕES

Pedro & João
editores

Copyright © Elri Bandeira de Sousa

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Elri Bandeira de Sousa

Alfabeto das confissões. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 86p. 12 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-3190-7 [Impresso]
978-65-265-3191-4 [Digital]

1. Arte. 2. Literatura. 3. Poema. 4. Poesia Contemporânea. I. Título.

CDD – 800

Capa: Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

ALFABETO DAS CONFISSÕES

Sérgio de Castro Pinto

Em “A Palavra”, seção de abertura do livro “Alfabeto das confissões”, Elri Bandeira de Sousa investe no discurso metalinguístico, mas o faz sem aprisionar o eu lírico, sem trancafiá-lo entre os versos. Ao contrário, ele sempre encontra uma brecha, uma frecha da qual escapa para se contagiar com a “marca suja da vida”. Nesse sentido, a metalinguagem funciona como uma espécie de oficina ou de laboratório da palavra, espaço no qual o eu lírico exercita, depura e apura a linguagem, procurando conferir-lhe uma roupagem digna e, sobretudo, apta para incursionar no mundo exterior.

Guardadas as devidas proporções, esse procedimento metalinguístico estabelece certa semelhança com a aparente escuridão da cegueira de Borges – citado em um dos poemas desse livro*. É justamente nessa escuridão, de caráter quase claustrofóbico, que o poeta e o ficcionista argentino sabia friccionar as palavras e delas extrair o lume necessário para enxergar, com maior nitidez, tanto a realidade objetiva quanto o mundo onírico que concebeu.

Ao seu modo, Elri Bandeira de Sousa também elabora e atrita as palavras, procurando delas extrair a faísca capaz de lançar luz sobre a infância, a zona rural, a

saudade, o amor, enfim, sobre as lembranças que o eu lírico traz à superfície. Trata-se, portanto, de uma poesia que, embora se volte para o fazer poético, não permanece encerrada nele: a reflexão sobre a linguagem constitui, antes, o meio pelo qual o eu lírico se prepara para alcançar e iluminar o mundo exterior**.

Com efeito, há uma metalinguagem autorreferencial, que se volta para a própria palavra e para o fazer poético, chegando a se manter "cega" diante do mundo exterior; e há uma metalinguagem que, embora também se debruce sobre a palavra, não se fecha nela, usando-a como instrumento de prospecção do mundo exterior. Uma metalinguagem-sismógrafo, diria.

Já tive a oportunidade de resenhar o livro "A Casa, o sítio, a cidade – Pombal, crônica, memória", também de Elri Bandeira de Sousa. E na ocasião escrevi algumas palavras que posso muito bem utilizá-las a respeito de "Alfabeto de confissões": "Tenho para mim que a linguagem é a principal protagonista quer da poesia, quer da ficção ou (...) de qualquer outro gênero literário, pois, quando mal elaborada, deixam de existir enredos, personagens, paisagens, costumes etc., além de o poema permanecer poema por não possuir fôlego suficiente para alçar voo e adquirir o estágio ou o estatuto da verdadeira poesia.

É natural que nem todos os poemas de "Alfabeto de confissões" adquiram foros de poesia, mas alguns deles alicerçam, sustentam e dão força ao livro, mais ainda se

considerarmos que se trata de uma obra de estreante, mas de um estreante que não incorre nos equívocos comuns a todos – ou quase todos – que se iniciam nas lides literárias.

****

*Eis os versos finais de “Arte”: “Toda arte é cega / iluminação”.

SUMÁRIO

A PALAVRA

A CASA DA PALAVRA 14
ARTE 15
DOM QUIXOTE, DOM CASMURRO, DOM JUAN 16
FICÇÃO 17
FOME E SEDE 18
GRAMÁTICA 19
INSCRIÇÃO 20
LÍNGUA E POESIA 21
MORDAÇA 22
O POETA E O TEMPORAL 23
PALAVRA 24
PEDIDO 25
PREDICATIVO 26
ROBINSON CRUSOE 27
SEJA! 28
TESE / ANTÍTESE 29
VERSOS ENBRIAGADOS 30

A VEREDA

A CASA 32
A MORTE ABSOLUTA 33
CAÇUÁS 34
DEUS E O DIABO NA TERRA 35
FOGUEIRA 36
GÊNIO 37
HERODES 38
JANELA 39
MEMÓRIA 40
O CACTUS 41

O PAPIRO 42
SAUDADE? 43
URANO E GAIA 44
VERSO SUJO 45
VESÚVIO 46
VIAGEM 47

A LAVRA

A BORBOLETA 50
A CORUJA DE MINERVA 51
A DOSE CERTA 52
A FORMA DO MUNDO 53
A HIDRA E SEUS DOZE TRABALHOS 54
A INDESEJADA DAS GENTES 55
AMOR 56
A POSSE 57
BELCHIOR 58
BRASIL 60
CANOAS 61
CATACLISMO 62
DESENREDO 63
ENIGMA 64
EROS 65
EROS, BACO, PROMETEU 66
ESCOLA 67
ESPELHOS 68
ESTAÇÕES 69
EXÍLIO 70
HORAS 71
INFERNO SEM DANTE 72
INVENTOR DE ILUSÕES 73
MÃOS 74
MENDIGO 75
NOTURNO 76
O RIO 77
PULSAR 78
REMELEXO 79
SELVAGEM 80

SÍNTESE 81
SUDÁRIO 82
TEMPORAL 83
VIDA DE CÃO 84

A PALAVRA

A CASA DA PALAVRA

No princípio, era o verbo.
Serviram-se mais vocábulos
Com argamassa
Em colher de pedreiro.
Tudo bem traçado:
Barro, tijolo, ferro.
Andaimes, madeira, teto,
Reboco na parede.
O operário da casa da palavra
Fez o acabamento,
Pôs fio de prumo,
Pintou portas e janelas,
Concluiu sua obra
E viu que tudo aquilo era bom.

ARTE

Olho de Tirésias
Olho de Homero
Cego cantador
Olho, verso, feira
Olho Patativa
Olho Lampião
Cego Aderaldo
Caolho Gonzaga
Sérgio de Castro Pinto
Caolho Camões
Cego João Cabral
Cego a tatear
Sua engenharia,
Na escuridão.
O Aleijadinho
Cego pelas mãos.
Hermeto Pascoal
E Stevie Wonder,
Cegos do ouvido.
Cegos que enxergam
Só na escuridão.
Papel salpicado
Cega aquarela
Brilho e convulsão:
Cega iluminura,
Renascer do Caos,
Cega Criação.
Luz de John Bramblitt:
Toda arte é cega
Iluminação.

DOM QUIXOTE, DOM CASMURRO, DOM JUAN

Como dói não ser herói!
Como dói, pra ser herói,
Extrair da ilusão
As armas da luta vã!

- Um mundo na mente e outro ao redor.

No iludir da traição,
Esmagar o coração;
Unir pontas do passado
Para viver o amanhã.

- Recolheu-se amargo e leviano!

É melhor não ser traído;
Ser a própria traição.
Se aliar a Deus e ao Diabo
E viver, ao fim e ao cabo,
O poder da sedução.

- Ontem? Amanhã? Hoje: o gozo efêmero.

FICÇÃO

Feito Jorge Luis Borges,
Sob o efeito da fadiga ou do sonho,
Sento-me numa das extremidades do banco, em Cambridge,
Defronte ao rio Charles.
Aqui está o velho autor, aos setenta anos de idade.
No outro extremo, em Genebra, o jovem Borges,
Igual a mim mesmo, quando moço.
Aqui, tudo o que sou.
Lá, tudo o que ainda não era.
Hoje, quase feliz,
Sem as esperanças do passado.

Mas, gostaria de viajar ao outro extremo,
Fazer correr, em direção oposta, o tempo e a água do rio;
Levar daqui o húmus fértil do presente,
E uni-lo à jovial epiderme do passado.
Amarrar as duas pontas da vida,
Ludibriar os deuses,
Ser um deles,
Penetrando sorrateiramente na festa do Olimpo,
Com a imortalidade no corpo e a juventude na alma.

FOME E SEDE

Não, poeta!
Não quero a fome
Nem a sede!
Quero a taça,
A faca e o queijo.
A fome?
Já a tenho!
A sede também.
E agora,
A taça na mão.
Ainda que passem os anos,
Permanecem
O corpo e o rio:
Um não seca;
O outro não se acalma,
Nem se satisfaz.

GRAMÁTICA

Tenho qualificativos e adjuntos.
Nomes e nomes
Me situam e me definem.
Sou, estou
E pratico ações:
Núcleos do predicado,
Verbos de ligação.
Sou transitivo:
Eu sinto!
Eu quero!
Eu faço!
Complementos,
Que a vida não é plena!
É penúria permanente.
Eu amo!
Eu vivo!
Fugaz intransitivo.
Interrompo a aula –
Finalidade sem fim,
Que a alma é indefinida,
Construção inacabada.
E a vida, caro aluno,
É oração incompleta!

INSCRIÇÃO

Tome nota.
Sem relato, sem memória,
Tua vida terá sido
O nada,
O anonimato absoluto;
Meteoro sem destino;
Estrela sem brilho próprio.
Tuas letras capitulares
Viajam na folha solta
Que se contorce ao vento?
Ou no manuscrito
Que se descartou
De teu caderno antigo?
Os tipos de Gutenberg te esperam.
Páginas em branco envelhecem.
Tuas dores e alegrias
Perdem o frescor.
No livro, no blogue ou no canal,
Um rapsodo em silêncio
Morre à míngua
Sem parlenda, sem registro:
Pedra do Ingá
Despida de mistério e inscrição.

LÍNGUA E POESIA

Sílabas, palavras e frases
Em magma viscoso:
Rochedos, cadeias, anéis,
Montanhas caligráficas:
Serra do Teixeira,
O Neblina,
O Himalaia.
Voz do oráculo,
Trama do alfabeto,
Ideograma e mandarim.
Ler, decifrar
Pérgamos, papiros,
Metro dos repentistas,
Folha de Gutemberg,
Esperanto em pedaços,
Papel de parede.
Reler, traduzir, ver
A Máquina do Mundo,
O Inferno de Dante,
A pedra de Drummond,
A "cigana analfabeta"
E o camponês Raimundo...

MORDAÇA

Puseram a Língua Portuguesa
Num navio
E a fizeram navegar.
No porão,
Bradava-se em línguas
Que se contorciam.
Os estalidos das chibatas
Abriam, em carne viva,
A couraça dolorida
Do calar.
À palavra negreira
Nada, nada, nada:
Conjugação de tantas milhas...
Só nada
A declarar.
A missa do Coimbra
E a missiva do Cabral
Eram sereias:
Também vieram no navio,
Também vieram de além-mar.
Mas os verbos de ação
E a voz ativa,
Tomados de comoção,
Tomados de rebeldia,
A partir daquele dia,
Bradaram contra os preceitos
E deram muito
O que falar.

O POETA E O TEMPORAL

O trovão estilhaça
A sonoridade do poema.
O raio decepa
O caule das metáforas.
Os córregos da inundação
Arrastam, verso por verso,
A choupana do poeta.
Mas brota,
Da imaginação refeita,
À luz do sol,
Sílabas de trigo,
Arroz e feijão.

PALAVRA

A palavra é lavra.
A palavra é livro.
A palavra é trava.
A palavra é crivo.
A palavra é farsa,
A palavra é trova,
A palavra é fogo,
A palavra é treva,
A palavra é brilho,
A palavra é trama,
A palavra é trilha,
A palavra é fuga.
É libertação!

PEDIDO

Me empresta a tua história!
Quero contar o romance
Que adormeceu na memória.
Me empresta a tua voz,
Me empresta tua canção.
Quero cantar este canto
Que fala de mim, de nós.
Me dá tua palavra ágil,
Espada ferina ou frágil.
Me põe cego, um “assum preto”,
Homero, Borges, Camões.
Dá-me as mãos do Aleijadinho,
Seus profetas doloridos;
Dá-me as faces do deus Jano:
No sepulcro de dezembro,
Folia de fevereiro.
Dá-me as mãos de Vitalino:
Quero inventar o destino.
De Glauber Rocha, a loucura,
Câmara, ideia e mão.
De Ramos, Clarice e Rosa,
A boa prosa.
Que alma boa é essa
Que se ergue para os céus,
Sem tirar os pés do chão?

PREDICATIVO

Para os animais,
O verbo *ser* dispensa o predicativo do sujeito.
Eles são o que são!
Só os homens carecem de atributos,
Mas fraudam os adjetivos...

ROBINSON CRUSOE

Faca afiada,
Língua que corta.
Serpente-veneno-maçã que seduz.
Babel
Que tudo e nada traduz.
Pedra na boca,
Sofista que logo fala.
Sermão que remove
Montanha e mortalha.
Púlpito, tablado, palco.
Pergaminho, papiro,
Dígito, papel.
Tipos que espalham
Toda fala pelo mundo.
Fone, microfone,
Megafone,
Web, satélite,
Tel.

(...)

Na ilha distante,
Robinson Crusoé
Corta todos os fios
E se conecta,
De si para si,
Com a solidão da humanidade...

SEJA!

Onde quer que você esteja,
No hexa, no octa ou no decassílabo,
Onde quer que você esteja,
A memória ou a soledade,
É filha de sete pés,
De raízes fundas.
Qual o seu metro de vida?
Regular e de improviso?
Que sílaba tritura
Em sua mesa?
A estrofe é toda sua:
A vida se lhe oferece
De bandeja.
No jejum ou consoada,
O poema está na taça.
Sirva-se, deguste-o,
Seja!

TESE / ANTÍTESE

Com força, com luz, liberdade, energia,
O verso faz dança no seu campear.

Ainda que chore, que grite e se cale,
Se encolha, se estenda,
Na luz ou na treva,
O verso galopa, o verso é cantar.

Coco de roda, embolada, martelo,
Mote, ligeira, parlenda, porfia,
Glosa, toada, loa, cantoria,
Aboio, peleja, oitava, mourão:
Ciranda de ritmos que se dão as mãos.

...

Janelas se olham às pressas
Na vida besta da cidade grande.
O pomar dos versos livres
É uma selva
Sem bananeiras, laranjeiras
E outros vegetais
Regulares.

- Ainda que Narciso não se reconheça
Nas duras esquinas de concreto
Do poema,
Versos carrancudos teimam em gritar
Com voz rouca,
Com zanga a fúria,
Como uma flor bruta que rompe do asfalto.

VERSOS ENBRIAGADOS

Noite sem janelas, horizontes sem fim.
O degustar da taça em casa...
Presença furtiva dos deuses.

Brisa, música e luar.
Espelho d'água
Envolto na escuridão.

Fluxo sobre pedras, fogueiras e espinhos.
Olhos que varrem as nuvens
Com asas dissolutas.

Viver o transe, mergulhar no sonho.
Tristeza, aflição e dor?
Dissolvição em vinho.

Arrumar cada detrito
Na maleta aberta da palavra.

Poesia, demônio livre,
Posseiro da página em branco,
Letra infiel.
Tradução errônea do impulso,
Do mergulho baquiano.

Quem não rouba das Musas um poema
Para não seguir de mãos vazias?

A verdade?
Quem engana essa cigana em transe
Esconde a mão da mentira
Com a mão da poesia.

A VEREDA

A CASA
(À amiga Mara e à tia Moaci, já falecida)

Braços abertos!
Um Cristo Redentor,
Um rio
Que acolhe os afluentes.
A sombra da oiticica
Que abriga os retirantes,
Um alpendre de rede a balançar.
O pé de cajarana,
A cozinha da amiga,
O cheiro temperado
Que se espalha no telheiro;
A mãe que oferece o peito;
O prazer do acalanto;
A tia que vira mãe,
O amigo que vira pai,
O avô que é menino
Com os netos a brincar.
A chuva da madrugada,
A manhã ensolarada.
Sabiá na goiabeira.
Ela sorria feliz, profundo,
E dizia apenas:
A casa é sua! Pode entrar!

A MORTE ABSOLUTA

O homem que agora morre
Vai ao fundo do caixão.
O caixão conduz seu morto
A sete palmos do chão.
Mas no homem agora morto
Pode-se ver não um morto
Em barro de aluvião.
A memória é a terra posta
Para aqueles que aqui ficam.
Cava-se, pois, o profundo
E reabre-se o caixão.
Já não há nada ali dentro?
Cava-se ainda mais fundo,
Com a pá da recordação.
É o abrigo do vazio
Em lugar do coração?
Nenhuma árvore plantada?
Um livro, um verso ou canto,
Que seja semente ou grão?
Nenhum amigo, parente,
Qualquer forma de afeição?
Se ali já não há mais nada,
Se é só vala comum,
Subsolo sem memória,
Ele contém o que teve!
Rezemos, então, sem dó:
“Que a terra lhe seja leve!”
E o homem morto conserve
No seu mausoléu vazio,
Silêncio, esquecimento e pó...

CAÇUÁS

Que trago da infância
E do sítio onde nasci?
Trago, nos caçuás,
A agitação e o roer de unhas,
O estio sagrado,
O preparo de chuva
E o assobio de meu pai.
Trago as dores
De minha mãe
E a tardança de quem parte.
A leitura sem fim
Do livro que abriga todos nós.
Um virar de página,
Um mover de olhos
Sob nova indagação:
Que mais guardar nos caçuás
Para garantir
A ceia do amanhã?

DEUS E O DIABO NA TERRA
(Soneto em eneassílabos)

A banda da terra onde eu habito
Tem tudo de bom e de ruim.
Jiló, cana doce, maruim,
Cajarana, cancela, cambito.

Tem o mito, a mentira, o desdito,
Beija-flor, o ruge e o carmim,
Mel de abelha, peçonha, alfenim,
Avelós, juazeiro, palmito.

Por aqui tem o dito, o não dito,
Tem o triste, o alegre, o aflito.
Quebra-quebra, carnaval e dança.

Ventania, tempestade, estio,
Emboscada, vendaval e cio,
Reza forte, velório, esperança.

FOGUEIRA

Eu escuto
O repique da sanfona,
Do zabumba,
No triângulo da vida.
Erguem-se da campa
E dançam
Entre nós
Meus avós,
Meus pais
E aderentes
Que um dia partiram
Com as cinzas da fogueira.
O vem-vem e a asa branca
Também voltam,
O assum preto agora vê.
O riacho ronca
Nessa noite brasileira
De espigas,
De arrasta-pé.
Menino, adormeço
Ao som do acordeão.
Ao amanhecer,
Todos voltam
Para a casa
Da memória.
Pais, avós,
Tios e aderentes
Aguardam, por lá,
Outra noite de São João.

GÊNIO

Oh! Gênio da raça humana
Desce as asas sobre mim.
Me faz cantar bem mais forte
Que a garganta dum Cauby,
E voar como o condor.
Anestesia sem dor,
Estilete, bisturi.
Ariel e Caliban,
Duas faces do devir.
Dá-me a força de Sansão,
Saberes de Salomão,
E os poderes de Davi.
Faz-me grande pra aceitar
As tristezas do viver,
O doloroso sofrer
E tudo o que há de vir.

Que meu coração crescido,
Alojamento de amor,
Abrigue o espinho e a flor
Enquanto eu tiver vivido.

HERODES

Jesus devia ser morto.
Os hebreus, com sua lei,
Não podiam ter um rei.
Herodes, em chão brasilis,
Mandou armar seus capangas
Contra a tribo Yanomami
E deu ordem ao massacre
De todos os curumins:
Impôs coroa de espinhos,
Pôs cravos nas duas mãos.
No meio da selva virgem,
Em Belém ou no Egito,
Decepou em plena taba
De Jesus o coração.
O genocídio sangrento
Tanto sangue derramou
Que o rio de mercúrio rubro
Tingiu o Mar Tenebroso.
Foi no Dia do Juízo:
Estragaram o Paraíso,
Mas Jesus Cristo escapou!

JANELA

A minha janela
Tem tela.
Nenhum inseto
Nela passa.
Mas a passarada
De asas abertas,
Ao certo,
Passa!

MEMÓRIA

Doutores e Coronéis,
Herdeiros de cartas régias
Eternizam-se em praças,
Ruas, cidades, colégios.
Eternizam-se nos céus...

Cangaceiros e beatos,
Nos repentes, nos cordéis,
E nas festas populares,
Estão na boca do povo.
Afamados de viés.

Mas quem passa pelas ruas
Vê inscrições de ferrugem,
Cascas de placas e nomes,
Estatuária esquecida
De heróis amarelados.

Quem matará Lampião,
Dadá, Maria Bonita,
Corisco, Antônio Silvino,
Raimundo Jacó, vaqueiro,
E Antônio Conselheiro?

Bárbara, Mãe Menininha,
Damião, Ibiapina,
Nísia Floresta, Anayde,
Padim Ciço, Vitalino,
E o poeta Belarmino?

Placas frágeis com ferrugens?
Ou folhetos de cordéis?
Violas, xilogravuras,
Xaxados, missões, banzés,
Carnavais e arrasta-pés.

O CACTUS

Era o próprio xique-xique,
Cardeiro dolorido,
Mandacaru doloroso.
Como este verso,
Torto, irregular, espinhoso,
Ao toque de qualquer mão.
Ninguém a ele chegava.
Ninguém tomava seu braço.
Mas ninguém desconfiava
Que era d'água o coração.

Estrofe se apruma agora,
Com o prumo da canção:

Já nas grandes estiagens,
A flor do mandacaru,
Quando fulora na seca,
Nas noites de escuridão,
Anuncia o bom inverno,
A volta da arribação.
Talhe do mandacaru
Alimenta todo o gado
E faz a festa da vida.

Podia dar-se ao abraço
Aquele que sempre fora
Apenas espinho e dor,
Isolamento e embaraço.

O PAPIRO

No deserto, Saara, no Sertão
Todos lá procuravam pela fonte.
Um papiro antigo indicava
O lugar do segredo. Onde estaria?
Aonde jorraria aquele jato?
Estaria nas mãos de Minervino?
- É aqui onde vai brotar a fonte.
- Não é, gritaram todos nesse dia,
Liderados pelo velho Herculano.
- Você não é o senhor da nossa fonte!
Você não é o Deus Sabedoria!
- É aqui! – Não é não, velho teimoso!
E as vozes cobriram sua voz
E vibraram em alta gritaria,
Encerrando em silêncio a verdade.
Veio a tarde, a noite, veio o dia.
Veio a lua, a estrela, veio o sol.
E o papiro, em silêncio, adormecia
Entre as linhas das mãos de Minervino.
Herculano, então, vociferava:
E beduíno nenhum decifraria!

SAUDADE?

Saudade-sangria, corte?
Saudade sem doce e leite
Das mazelas do passado?
Não!
Saudade boa, sadia,
Sem torcimento e dores,
Chuva-enchente do passado,
Sim!
Com chavões protocolares,
Não!
Fogueiras de São João,
Sim!
Coronéis impiedosos,
Não!
Amores de pai e mãe,
Sim!
Desamores que trituram,
Não!
Alegrias-passarinhos,
Sim!
Acauã de mau agouro,
Não!
Sem castigo, sem chicote,
Pelourinho, palmatória
Pela alma, pelo corpo,
Pelas mãos.
O xote, baião, jiló,
A canção sem despedida,
Sim!
Saudade, têmpera, dita,
Saudade sem dor, tormento.
Ventura, fortuna, vida.
Coragem é seguir em frente.

URANO E GAIA

O Céu ejaculou chuva sobre o Sertão.
E o Sertão,
Feliz,
Molhadinho,
Gozou!

VERSO SUJO

Este meu verso mendigo
Bate porta, bate porta.
Dorme feito um passarinho
Nos bancos sujos da praça
E acorda nas horas mortas.
Sem abrigo, pede esmolas
E escapa da polícia.
Este verso sem escola
É um travesso menino
Que se trepa pelas grades,
Acrobata, arromba muros
E rouba goiaba e manga
Fingindo que é ladrão.
Este verso rebeldia,
Vampiro, seduz meninas,
É arte e pirotecnia.
Explode campos de minas,
Rebenta jaula e gaiola,
Quebra as cordas da viola
E dos corações vadios.
Desvario e teimosia,
É aquecedor do frio,
Tempera desilusões.

VESÚVIO

O fogo da vida corre
E pelos dedos escorre

Em rios, vales sombrios,
No vento dos assobios,

Vertendo d'alma o vibrar
Como se a vida ao penar

Mudasse o brasido em frio.

Assim choro, assim rio
Como um Vesúvio a cantar

Em peleja e desafio.

VIAGEM

Trafegando pelas ruas e vielas
Feito cão atropelado pelos carros,
Pensamentos meus manquejam, atravessam
Temerosa multidão de atropelados.

Feito versos que tropeçam, cambaleiam,
Sigo rumo, sou pedaços na voragem.
Entro em sóis, entro em luas, crio viagens
Desembarco no Atacama dos meus medos.

Vejo o tempo ultrapassado, invento enredos
Que me atracam, me torturam, em pesadelos.
Vejo luzes, vejo trevas, vejo raios:
Força bruta me arrebenta corda e freios.

Novas luzes, novas trevas, novos raios,
Trovoada vibra forte em seus estalos.
Grunhe o cão, lamentando desenredos,
Terremotos sob nos cascos dos cavalos.

A LAVRA

A BORBOLETA

A inocente borboleta
Pousava no asfalto
Quente.
Aquilo ardia.
Havia perigo maior?
O automóvel
Do major
Voava sobre aquele asfalto.
E, de repente,
Viu-se
Que a vida é curta.
Dura
Quase nada...
Vida de borboleta.
Mas ainda não foi dessa vez.
Bailarina, amarela,
Frágil, pequenina,
Ela tremulou
E voou,
Cheia de vida,
Para a festa
Colorida
Da floresta.

A CORUJA DE MINERVA

Capto todos os sentidos
Antes do mergulho no abismo do mundo.
Olhar atento,
No topo da montanha,
Vejo todo o processo,
O vendaval,
A ventania,
O turbilhão,
O Caos,
O Cosmo,
A desarmonia epidêmica
E a ousadia adâmica.
Olho de lince,
Mergulho mais fundo
No indivisível.
Volto à tona
Com ou sem sabedoria
E alço voo
Na direção do Andes,
Do Vesúvio
E do Himalaia.
Condor sem asas,
De volta à Arca.
Asas de fantasia.

A DOSE CERTA

A árvore.
E por trás da árvore,
A luz noturna.
Abaixo e de frente,
Minha mesa.
Os galhos encobriam o farol de luz
Para repouso
De minha retina sem fadiga.
Três doses desceram como chuva.
E a retina já refletia
O ataque do canhão daninho,
Fulgurante
Em torpor.
Não!
Não foi minha cadeira
Que se afastou.
A gravura
Se moveu no quadro.
Foi o universo
Flexível,
Volúvel,
Estonteante,
Cadente,
Traidor...

A FORMA DO MUNDO

Um pensar que não se curva
Ao torvelinho?
O planeta gira em curvas.
Assim, toda fruta,
Toda uva.
Assim se ajustam
O dedo e a luva.
A cúpula do céu,
A lua, o sol
E a chuva.
O ovo,
O óvulo,
O óbolo,
A moeda,
A moenda,
O olho da saúva.
O seio,
O lábio que o suga.
O pênis, o reto,
A vulva.
Assim,
A certeza,
A indagação.
Balançam
Os quadris da dúvida.

A HIDRA E SEUS DOZE TRABALHOS

O veneno da Hidra vence Hércules.
Ela está no meio de nós.
É “o monstro da Lagoa”.
Cabeças de serpente
Se multiplicam
E vociferam
Entredentes.
Doze vezes seu sangue se agita:
Na Guerra Civil Espanhola,
Na Segunda Grande Guerra;
A Hidra cospe bombas
Em Gaza e em Hiroshima.
Envenena raios, rios e lagoas.
Explode a barriga das gestantes,
Come o ventre vazio das crianças
E traz a morte aos veteranos.
Incendeia templos
Com suas labaredas infernais.
Fecha o cerco à esperança.

A velha Hidra faz voltar
A maçã do Paraíso,
A Besta do Apocalipse,
O sorriso de Satã,
O tremor da agonia.

Devotos da Hidra
Festejam suas obras
E se dobram
Diante dos altares.

A INDESEJADA DAS GENTES

Que a morte seja tão leve,
Ela própria uma libido,
Que consigo leve,
Conserve
No seu transporte infinito
O doce pulsar da vida!

AMOR

Luta que se trava
Entre nós.
Trago em mim
O travor dos avelós,
Bramido sem madrigais.
Rancor dos magoados,
Um vento e seus trovões
Nos telhais.
Trazes em ti
Aluviões,
Faíscas
E escolhos.
Somos nós
Colisão fatal
Entre dois sois.
Frieza da invernia,
Um averno
Sem um deus.
Terra e Céu,
Miragem e abalo
No infinito.
Sim,
Amor
É sempre
Labareda
E torpor!
Doce atrito.

A POSSE

Vi o olhar
Que arrastava o meu
Para o fundo da casa,
Para o fundo da alma,
Aos derradeiros porões.
Aos poucos,
Um quarto de mim,
Uma sala de mim,
Todos os vãos
Da casa de mim
Estavam possuídos,
Ocupados.
Era tarde demais
Para pedir reintegração de posse.

BELCHIOR

Por onde ele passou?
Onde esteve aquele que não era apenas um cantor?
Teria descido ao Inferno com Dante?
Está agora no Paraíso com Beatriz,
Onde tudo é eterno e maravilhoso?
Até onde o levou seu coração selvagem?
Em que hotéis e masmorras se hospedou ou se escondeu?
Usava ainda aquela velha roupa colorida
Ou pintava novas telas
Para fingir e se disfarçar de si mesmo?
Que pensam desse rebelde mulheres, filhos, credores e justiça?
Tu nem te lembras de voltar.
Nem morres.
Por onde andaste, no tempo em que te perdeste e sonhaste?
Sobre os Andes...
Já não ouvimos o eco de tua voz:
Ela não responde.
Mas tuas canções
Ainda entoam ao longe:
Tu te escondes no eterno rejuvenescer,
No bagaço de cana do engenho,
No fio da navalha das canções,
No Corcovado, de braços abertos.
Repousas no Mucuripe,
Sem mágoas, atiradas ao fundo do mar...
Tu te escondes, enfim, na perversidade dos jovens corações
Que só atentam ao que é cruel e o que é paixão.

Que nos venha a tua alucinação selvagem:
A vida que querias dar.
Precisamos de sons, palavras e navalhas
Para suportar
Horrores do dia a dia,
Onde nada é eterno,
Nada é divino,
Onde é preciso amar e mudar as coisas,
E nada mais.

BRASIL

Mesopotâmia de todos os povos;
Garganta de todos os rios.
Pororoca nossa
Que arrasta para longe
O contorcer lacrimoso da dor,
O sangue do estalido do chicote,
Coroa e espinho
Da flor do maracujá.
Aqui brotam,
Desabrocham
A flor de laranjeira,
A bênção do manjericão,
A palma da mão encantada,
A palma cantada da palmeira,
O pendão do milho.
Vez por outra brota
Do silencioso resistir dos cactos
O recanto
Silenciado das canções.
Mas, o estio passa
E renasce a vida
Na forma pernilonga
Da esperança.

CANOAS

Havia uma lua
E brandas nuvens.
E além das nuvens,
Um mundo infindo,
Um céu de estrelas.
Um sol brilhante.
Uma noite escura.
Um vento quente,
Um vento forte,
Um gelo intenso,
Estalo seco.
Uma chuva, enfim.
Um temporal,
Uma inundação.
Precisei, sim,
Canoas fortes,
Fugir da morte
Fugir de mim...

CATACLISMO

Veio o pânico, o afã, a agonia.
Era noite profunda, noite em mim.
Procurei no socorro, no amparo,
Salvação para aquela senopia.
Era luz e cegueira e refração,
Distorção que trocava a noite em dia.
As sombras se evadiam da caverna,
Em meio ao turbilhão de luz eu via.
Rompe o grito turbulento dos duendes.
Eram cegos defronte da fogueira
Que queriam embotar minha visão.
Queriam apagar o sol e a lua,
As estrelas, farol e a láctea via.
Queriam afastar o arrebol.
Destruir flora, sêmen, fantasia,
Devastar cada raio, cada fresta.
Mas em meio à escuridão eu inda via!

DESENREDO

Tiro no peito, dinamite na pedreira
Espalhou estilhaços do seu coração.
Como onda que bate no barqueiro velho,
O do Restelo, que alertava aventureiros,
Colhe cacos da cordial embarcação.

Seu coração naufragou em mar de sargaços.

A um passo
Do socorro, de encontrar salvação.

Mas o risco, o vendaval, a profundeza,
É canto de sereia,
É mergulho cego,
Abandono, fantasia,
Queda livre,
Degredo.
Marujo
Que se atira
Sem proteção.

ENIGMA

Tens olhos baços
E me olhas com a fixidez das estátuas.
As tranças serpentinas da Medusa,
Com a morte no olhar...
O sorriso sombrio da Gioconda;
O mármore anatômico
Do Davi de Michelangelo;
As curvas flutuantes
Da deusa de Botticelli.
Na pele,
A argila rústica de Vitalino.
Na solidão de van Gogh,
Mil almas escondidas
E a reflexão de bronze
Do pensador de Rodin.
Que anônimo artesão
Ainda te deu
Máscaras de deidade primitiva
E os disfarces de Proteu?

EROS

Visão perfeita:
Virilidade e delicadeza.
Eros se volta
E se comtempla
No espelho.

EROS, BACO, PROMETEU

O Eu no centro do Eu
Traz de volta, cá em nós,
Eros, Baco, Prometeu.
Ego se amava demais:
Caiu na corrente fria.
Querer somente a si mesmo
Era o que Eros mais queria.
E assim brotou Narciso,
Flor pequena, frágil e breve:
Amor-próprio em demasia.
Tudo o que amou Prometeu
Não durava nem um dia.
O fogo roubado aos céus,
Que logo se consumia,
Era a promessa na Terra,
Do prêmio depois da guerra
Da total autonomia.
Cada deus amou o homem
Com astúcia e avaria:
Prometeu, mas só cumpriu,
Parte do que prometia:
O homem domava o mundo:
Lua, Terra, espaçonaves,
Ciência, tecnologia.
Mas Eros rasgava o homem
No peito, onde mais doía.
Eros, Baco e Prometeu
Deixaram suas sementes
Na dor e na alegria.
Mas Baco salvou o homem:
Vinho, máscara de Nume:
Teatro e poesia.

ESCOLA

Sou analfabeto.
Ana, Alfa e Beta
Foram minhas professoras
Nas trincheiras
Dos primórdios
De minha vida.
A sala ética
Abrigava a professora
Salete.
Tinha ainda
Terezinha,
Palmatória materna.
Mais tarde,
Eram os livros,
As luzes
E os silogismos.
Simpósio aberto
É o que sou.
Pergunta sem resposta,
Que a resposta
Resseca
O caule da palavra.
Eternidade cega,
Sem a brevidade
Da flor.

ESPELHOS

O olho gira discretamente e olha
Quando você, impunemente, passa.
Mas o dono do olho faz de conta
Que não olha,
Que nada vê.
A câmera para a meio caminho.
Perde o foco, mas insiste no mirar.
Esconde que vê,
Que o close é em você.
E você passa, impunemente,
Mirando em outra direção.
Um jogo de espelhos
Permite-lhe ver tudo
E fingir que nada vê...
Nem a mim,
Que estou invertido
E de olho aberto
No reflexo de todos os seus espelhos.

ESTAÇÕES

Mariposas noturnas e borboletas posam
Ao peso da tempestade
Do tempo.
A pose e o cheiro
Da dama-da-noite
Duram o tempo que foge
Em busca de nova luz.

Caem as pétalas cosméticas.
Cai o pó do pólen
Sem batalha,
Sem abelha.
É outono
No vendaval da vida.
Só o espinho
Permanece,
Impune, no lugar.

Virá o verão.
Invernos e primaveras virão.
A vida se refaz.
Mas é única.

EXÍLIO

Moro neste lugar.
Minhas mãos o cumprimentam,
Meus olhos o contemplam.
Meus ouvidos o escutam.
Meu nariz o fareja.
Suas janelas me seguem,
Seus elevadores me abduzem,
Seus veículos me sequestram,
Seus açougues me esquartejam,
Seus restaurantes me devoram,
Suas taças me degustam,
Suas latrinas me recolhem
À vala comum.
Mas, minha alma,
Distante e abstrata,
Paira acima dos para-raios
E da ironia dos edifícios,
Da condenação dos templos,
E da língua diabólica
De seus santos.

HORAS

Luz que me alumia.
Sol que me causa
Alegria.
Acalma
A agonia
Que rebenta
Antes
Do arrebol
Vermelho.
É noite
Trevosa,
Travessia
Da lua
Nervosa.
Nuvens
Sobre o mar,
Grávido temporal.
Vem cá,
Ventania.
Me agasalha,
Me transporta
Além
Enquanto me assobia
Cantigas de ninar.

INFERNO SEM DANTE

Uma Medusa assassina
Expõe a cabeça de Lampião.
Ela própria
Com o pescoço no lugar,
No topo do Vesúvio.

No Arco do Triunfo,
João Batista
É exposto em prato limpo.

Na manjedoura,
As guilhotinas de Herodes
Aguardam o advento de Jesus.

Com lâmina afiada,
Na estrangeira Corinto,
Medeia imola os filhos.

Um Nero amoroso
Incendeia o coração materno,
Com um dócil
Beijo de Judas.

A Barca da Providência,
Flutuando em labaredas divinas,
Leva todos
Ao diluvio infernal.

Mas Satã acorda
De seu sono dogmático
E, retomando a obra,
Põe-se novamente a trabalhar.

INVENTOR DE ILUSÕES

Tirei a lua de sua rota e calendário.
Dei-lhe outras fases.
Fiz o sol brilhar por toda a noite.
Tempestades áridas lancei
Sobre o sertão.
Desejei outras mudanças
E pus no mandacaru
A suavidade da seda;
A brandura úmida de lábios
Em palmas ressequidas.
Vidas em mamulengos,
Almas em falecidos,
Ímpetos da paixão
Em pedras adormecidas...
Mudei crentes
Em ateus propícios.
Pus, enfim,
Vida humana
Em anjo decaído.
Foi aí que o Diabo se soltou
E me advertiu:
- Nunca mais, meu senhor,
Brinque de ser Deus!

MÃOS

Mãos macias que mimetizam amor e medo.
Mãos amorosas, medonhas,
Mãos mofinas,
Mãos meninos e meninas,
Mulheres e masculinas,
Que dão massagens e cumprimentam.
Mãos que aparecem
A qualquer momento,
Com meiguice,
Malandragem,
Malinagem,
E na carência
Manejam.
Mãos remédio,
Mãos medicamento.
Que masturbam o relembrar,
O pensamento.
Mãos que medram,
Que arremedam.
Meretrizes mãos
Sem mandamentos.
Mãos mornas,
Mendicantes,
Que se metem,
Que mandam
E desmandam,
Martirizam,
Massacram
E amenizam,
Manipulando
Meu segrego,
Meu consentimento...

MENDIGO

Me olhou com olhos fundos de pedido.
Roupas esfarrapadas,
Fome,
Cansaço,
Sede,
Sono.
Mas, quando a mão estendia,
Só pedia
Que eu conjugasse
O verbo amar.

NOTURNO

A vida é breve.
A noite é tão curta vida...
Impassível,
Peso o desabalar das horas.
Sinto que escapa nossa seiva,
Sinto que se esvai
O acumulado da represa
No rebentar de um novo dia.
Viver é mais que agir,
Mais que contemplar.
Viver é parar o sol,
É deter a tempestade com a mão,
É eternizar o instante fugidio
Que se vai.
É reverter o poente,
É acalmar a fera,
É riscar o fósforo –
Fiat lux.
É ressequir
Os pincéis da escuridão.

O RIO

Olhos d’água pequeninos
Se enroscam e se espraiam
Pela face do solo,
Rasgando a epiderme contraída.
Cruzam os vales do pescoço,
Lambem os rochedos,
Lábios túmidos dos montes.
E se estendem pela serra da barriga.
Desaguam no recôncavo do umbigo
E fertilizam toda a aridez,
Território abaixo.
Os rios erotizam a dor
Ejaculadora de lágrimas.
Os rios concitam matizes de maçãs
Escondidos nos óvulos da terra.
Os rios espalham o húmus
No Nilo e no Éden.
As raízes crescem,
As espigas saltam,
E a Terra, grávida
Dos filhos da chuva,
Aguarda
O novo regalar
De olhos d’água pequeninos.

PULSAR

Palavra
Sobre
Palavra

Palavra
Sob
Palavra

Vida
Sobre
Vida

Arbo
Sobre
Adubo

Esperma
Sobre
Vulva

Falo
Sobre
Falo

Vida
Sozinha
Não lavra

REMELEXO

Balanço da banda que passa.
Coluna que verga,
Edifício que vai.
Que dança é essa,
Que ritmo é o teu,
Que me obriga a olhar
Nesse vai, mas não vai?
Meu olho inquieto
Te segue o balanço,
Tu vais, eu avanço
Num cai, mas não cai.
Esse teu carnaval,
Remelexo e requebro
Me arrebenta a retina,
Me deixa perdido,
No meio das trevas,
No breu e no vau.
Cavatina das curvas,
Me alenta, me turvas,
És o Bem, és o Mal.

SELVAGEM

Sem o pudor lusitano
Em sua primeira missão,
Minha trisavó indígena,
Adoradora de Tupã,
Renegou o credo,
E desfez o tricô narrativo
Da caravela de Cabral.
O que ela mais queria
Era beber o licor da jurema
E andar com os deuses
Na mítica primeira manhã.

Sem intrigas
E sem vergonha,
Leve como a folha seca,
A ancestral de Moema
Abriu as pernas
E desnudou a alma
Perante o altar do velho mundo...

SÍNTESE

Ponho aqui minhas estátuas:
Deusa da Liberdade,
Deusa da Esperança.
Faço aqui meus rituais:
Queimo incenso aos que sofrem,
Aos que gozam.
Invoco, me protejo,
Rezo credos, orações
E entro em transe.
Dou despachos, benzeduras,
Leio a mão.
Sou curandeiro
Em Mesa Negra,
Em Mesa Branca,
Em mesquitas, terreiros, catedrais,
Cabala, romaria, pajelança.

Sou todo devoção e piedade
No Muro da Liberdade
E na Meca da Esperança.

SUDÁRIO

No Princípio, a lenda imagina,
Liga, religa,
Traça e retrata
Os feitos do Tempo,
As honras de Terra e Céu.
Na Verônica tela,
Pinta uma lágrima
De sangue e de dor.
Na estampa exangue
Emerge, gravado,
O Verbo
A face
Luzente
Do Deus,
O Senhor.

TEMPORAL

Trovões me estalejam dentro.
Chuva forte desce dos olhos
E me encharcam.
Tempestades transbordantes
Arregaçam rios,
Cobrem vales,
Rebentam represas,
Arrastam mágoas,
Caniços,
Levando dores
E lavando saaras
Por aí.

VIDA DE CÃO

(À amiga Lourdes Dionísio)

Ulisses, entre a guerra e o retorno,
Deixa à espera, em seu pequeno reino,
Mais que a fiel Penélope e sua trama,
Seu nostálgico e amado cão.
...
Baleia franzina, fiel a Fabiano,
Caça para aplacar a fome da família,
Num imaginário mundo de preás
Na vida seca, lambendo o chão.
...
Quintas Borba é uma viva herança
Que vem de longe; vale mina, ouro:
E é nada na trama de Sofia e Palha,
Montados nos cornos da ambição.
...
Mas o sábio animal machadiano
Que carrega o nome do antigo dono,
Acompanha a loucura
De seu novo amo,
O ricaço e ingênuo Rubião.
...
O cão negro do mito dos Dakota
Destece o fio da velha milenar
Que tece, tece sem parar
O dia fatal do fim do mundo...
...
O perdigueiro da caatinga sertaneja
Vela Raimundo Jacó, o vaqueiro,
Arrancado do gibão da vida
Pela Deusa da Inveja e da Traição.
...

O cão da infinda espera morre pasmo,
Frente a frente com o divino Odisseu,
Que vence monstro e nostalgia
E enfim regressa,
Envolto em burla
De epiderme e manto.
...
Baleia, “criaturinha" já doente,
Atingida mortalmente pelas balas
De um Fabiano enorme,
Para sempre dorme,
Sem meninos, sem Vitória,
Com a cabecinha amparada
No borralho do fogão.
...
Quintas Borba foge com seu dono
E também sucumbe
Na tormentória vida,
Pois viver abandonado e só
Não é vida para um cão.
...
Shunka Sapa, o mítico cão negro
Prolonga a nossa curta vida,
Puxando o fio do manto
Do sem-fim do mundo,
Protelando o dia do Fim,
Por amor a nós, os seus irmãos...
...
Mas, quem de nós é cão fiel?
Quem de nós é apenas Cão?
...
O sábio cínico, mendigo grego,
Virtuoso e libertino cão,
Dorme num barril imundo,
Bem mais digno e prazenteiro

Que o Palácio de Alexandre,
O Grande, que foi apenas grande...
...
O grego vagabundo acende a tocha,
Ergue a voz ao revés da Assembleia
À procura de um homem bom e sábio.
E sem raiva, sem garras, sem latidos,
Atravessa o silêncio obscuro,
E segue livre, envolto em seu clarão.

“Com efeito, há uma metalinguagem autorreferencial, que se volta para a própria palavra e para o fazer poético, chegando a se manter “cega” diante do mundo exterior; e há uma metalinguagem que, embora também se debruce sobre a palavra, não se fecha nela, usando-a como instrumento de prospecção do mundo exterior. Uma metalinguagem-sismógrafo, diria” (Poeta Sérgio de Castro Pinto).

Pedro & João Editores
pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-3191-4